

Biografia

Emma Wildes cresceu a devorar livros e a escrita nasceu naturalmente. A autora costuma dizer que adora escrever porque adora ler.

Estudou na Universidade de Illinois e é licenciada em Geologia.

Vive em Indiana com o marido e três filhos.

Foi a autora n.º 1 do Fictionwise, WisRWA Reader's Choice Award, vencedora na categoria de Romance Histórico em 2006 do Lories Best Published, e em 2007 vencedora do Eppie para o melhor romance erótico.

Descubra mais sobre Emma em: www.emmawildes.com

Emma Wildes

Lições de Sedução

Tradução
Maria José Santos

 Planeta



Grupo  Planeta

Booket é uma chancela de
PLANETA MANUSCRITO
Rua do Loreto, n.º 16 – 1.º Direito
1200-242 Lisboa • Portugal

Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor

© 2010, Katherine Smith
© 2009, Planeta Manuscrito

Título original: *Lessons from a Scarlet Lady*

Revisão: Fernanda Fonseca

Paginação: Guidesign

1.ª edição Booket: Maio de 2012

Depósito legal n.º 343 576/12

Impressão e acabamento: Printer Portuguesa

ISBN: 978-989-657-304-1

www.planeta.pt

AGRADECIMENTOS

Como poderei agradecer o suficiente a Becky Vinter e a Barbara Poelle? Não posso, por isso permiti-me apenas tirar o meu proverbial chapéu a estas encantadoras e talentosas senhoras.

Gostaria também de expressar os meus agradecimentos a DL por todos os momentos geniais e pelo apoio. Não há nada como um bom amigo com sugestões escandalosamente maravilhosas.

Agradeço igualmente a Jennifer. Tu sabes porquê.

PRÓLOGO

Se nem sequer captámos a atenção dele, como podemos conservá-la?

*Prefácio a Os Conselhos de Lady Rothburg,
publicado em 1802*

O vestíbulo estava cheio de pessoas bem vestidas que se moviam com impaciência nos seus adornos como pássaros enfeitados de jóias, tal como ela desejara que acontecesse. Brianna Northfield deixou que o marido lhe fizesse deslizar o manto de veludo dos ombros e manteve-se deliberadamente de costas viradas para ele, sorrindo e acenando com a cabeça a várias pessoas conhecidas que se encontravam no meio do aglomerado de gente. Ele estendeu a peça de roupa a um criado que viu perto de si e cumprimentou o seu velho amigo Lorde Bassford, enquanto Brianna esperava, ainda estrategicamente de costas voltadas.

Este era o primeiro passo no plano dela, e era óbvio que Brianna estava esperançada que funcionasse, pois sentia-se exposta.

Muito exposta mesmo.

Colton terminou a conversa e pegou-lhe no braço, o olhar reconhecidamente concentrado em perscrutar a multidão, à procura de uma forma de avançar em direcção ao seu camarote privado.

– Por aqui, minha cara. Penso que podemos abrir caminho por ali, onde o conde de Farrington está de pé.

– Não conheço aquela jovem que está com ele – murmurou, reparando no cabelo ruivo e na figura exuberante da bela jovem. – Céus, deve ter idade para ser pai dela.

– É a sua amante mais recente, creio – disse o marido com frieza, à medida que avançavam através da multidão. – Tenho a certeza de que estão aqui juntos na ópera para aborrecer a mulher dele. A discrição nunca foi o ponto forte de Farrington.

A nota de desaprovação presente na voz do marido não lhe escapou, mas pelo menos não era dirigida a ela. Isto é, por enquanto. Colton Northfield, o quinto duque de Rolthven, não acreditava em exposições públicas da vida privada das pessoas. Já aprendera isso em três meses de casamento.

Se ele tivesse uma amante, certamente não a traria para a rua nem exibiria o caso amoroso em frente de toda a sociedade elegante de Londres. Nem magoaria ou humilharia a mulher de propósito. Brianna rezava simplesmente para que ele não tivesse uma amante, nem sequer desejava alguma vez sentir que ele necessitava de uma.

O toque no seu braço era leve, à medida que a guiava em direcção aos degraus atapetados que levavam ao cimo, ao elegante camarote sobranceiro ao centro do palco. As cabeças viravam-se quando eles passavam, outros amigos a dirigirem-lhes saudações, e Brianna reparou que mais de um cavalheiro deixou o olhar demorar-se sobre ela, notando também vários sobrolhos erguidos entre as senhoras.

Ótimo. Afinal, desejava impressionar. Se a duração dos olhares masculinos eram um bom indicador, era certo que estava a ser bem-sucedida.

Sentiu o momento em que Colton reparou pela primeira vez no seu vestido. Iam a meio das escadas e ele vacilou, os dedos a apertarem-lhe o braço. Com um pé no degrau seguinte, estacou, o olhar subitamente preso ao decote dela.

– Meu Deus, o que estais a usar?

– Devíeis realmente parar nas escadas para olhar de forma tão indiscreta para o meu peito? – perguntou, com uma calma que não sentia, passando por ele com um passo determinado. – Esta é a última criação de Madame Ellen e o decote é um pouco ousado, sim, mas disseram-me que tenho o corpo adequado para o usar.

O marido não se mexeu por um momento, o olhar brilhante ainda fixo na carne ebúrnea que sobressaía por cima do tecido do seu corpete, as curvas superiores totalmente expostas. Num tom irritado e baixo, o duque de Rolthven disse:

– Certamente que o podeis usar, mas talvez devêsseis ter perguntado a vós própria se *devíeis* usá-lo. Ou, melhor ainda, talvez devêsseis ter-me perguntado.

Perguntar-lhe coisas sobre moda? Como se quisesse saber disso. Ele vestia-se impecavelmente, mas nunca fazia qualquer comentário sobre a roupa dela.

Talvez isso mudasse. Seria um bom princípio saber que olhava realmente para ela.

Brianna murmurou:

– As pessoas estão a olhar, Colton, perguntando-se se estaremos a discutir em público.

– Poderíamos estar – resmungou ele. – Perdestes o juízo?

O duque de Rolthven numa altercação com a mulher nas escadas da ópera? Nunca. Escolhera aquele local porque confiava no inveterado sentido de educação do marido. Ele ficaria horrorizado com a ideia de fazer uma cena. Brianna esforçou-se para esboçar um sorriso sereno – completamente falso, pois sentia as faces a arder e o bater do coração na garganta.

– De maneira nenhuma. Vamos sentar-nos?

Soltando uma praga em voz baixa, ele respondeu ao arrastá-la quase durante o resto do caminho, os dedos compridos firmemente apertados em volta do pulso dela, à medida que a conduzia pela galeria e pelo balcão, onde

se localizava o seu camarote privado. A expressão facial do marido era difícil de ler, mas a boca formava uma linha tensa, enquanto a conduzia ao lugar dela e se sentava ao lado.

O teatro estava apinhado, como sempre, os enormes lustres a brilharem, os camarotes dourados a albergarem o murmúrio de centenas de conversas. As pessoas assistiam não tanto para verem o espectáculo mas para serem vistas e para observarem os outros, algo que o marido sabia perfeitamente.

– Suponho que, uma vez que já aqui estamos, embrulhar-vos no vosso manto e levar-vos lá para fora poderia dar nas vistas – disse ele num tom sardónico, estendendo as longas pernas. – Sei que a nossa chegada é em geral notada, mas perguntava-me por que motivo chamávamos tanto a atenção, à medida que atravessávamos o vestíbulo. Agora percebo perfeitamente. Imagino que esta noite haverá mais binóculos dirigidos aos vossos seios nessa tão generosa ostentação do que ao palco. Que foi que vos deu, senhora, para escolherdes um vestido tão escandaloso?

Porque quero seduzir-vos, pensou, olhando-o. Esta noite, estava tão devastadoramente atraente como sempre, mesmo com um ar severo estampado no rosto bonito e a linha sensual da boca comprimida em jeito de desaprovação. Era alto, com farto cabelo castanho-avelã e uma constituição esbelta, atlética e, naquelas raras ocasiões em que Colton sorria, todas as mulheres presentes na sala se sentiam um pouco coradas. As maçãs do rosto salientes conferiam-lhe uma qualidade arrogante, o nariz era direito, a linha do maxilar e do queixo agradavelmente cinzelada. Quando Brianna o vira pela primeira vez, ficara ofuscada pela sua beleza notória e quando começou de facto a mostrar algum interesse, ela caíra logo de paixão, como uma donzela numa história romântica.

Mas havia alguns aspectos no seu casamento com que não contara. Como um príncipe dos contos de fadas, Colton

tinha alguns defeitos. Era um dos homens mais ricos de Inglaterra, tinha um tremendo poder político e a sua origem ilustre era deslumbrante para uma debutante ingênua, mas Brianna não previra quão pouco do seu tempo ele se dignaria dedicar-lhe, uma vez que se tornasse sua esposa.

No entanto, Colton não casara com a ingenuzinha submissa que ela desconfiava que ele imaginava que escolhera para esposa.

Com o máximo de compostura possível, Brianna respondeu:

– Há aqui muitas senhoras esta noite com vestidos tão elegantemente decotados como o meu. Pensei que haveríeis de gostar.

– *Gostar* de ter todos os homens de Londres a comerem com os olhos o peito descoberto da minha mulher? – As sobrancelhas ergueram-se-lhe, mas o seu olhar vagueou de novo para baixo. – Pensai novamente, minha querida.

– Na verdade – respondeu ela, uma centelha de esperança a agitar-se, porque, embora ele soasse aborrecido, parecia não poder deixar de olhar. – Pensei que poderíeis gostar de me ver com este vestido.

Por um momento, ele pareceu surpreendido, os olhos, de uma tonalidade vívida de azul-celeste, a estreitarem-se um tudo-nada.

– Estais assombrosamente bonita, Brianna, e gosto sempre de vos ver. Por que pensais que casei convosco?

Isso não era o que ela queria ouvir. Era exactamente o que *não* queria ouvir. A abanar o leque, Brianna disse, furiosa:

– Espero que não tenhais casado comigo, Vossa Graça, apenas para me terdes como ornamento pendurada ao vosso braço em ocasiões sociais como esta. Eu sou uma pessoa, e uma mulher, e vossa esposa.

A sua resposta fez que um incharacterístico olhar de desconcerto atravessasse o rosto dele.

– Talvez não tivesse colocado bem a questão. O que eu quero dizer é que, a meus olhos, sois sempre atraente. Não precisais de estar seminua para que eu pense assim.

– Então provai-o.

– Perdão?! – As sobrancelhas arqueadas ergueram-se-lhe e ele olhou-a, visivelmente confuso.

Ótimo. Conseguira captar-lhe a atenção de verdade. Com demasiada frequência, ele parecia apenas distraidamente consciente da presença dela. Era um homem ocupado e ela compreendia e aceitava que as responsabilidades do título e da fortuna lhe consumissem uma grande parte do tempo. Mas quando estavam juntos, queria saber que o marido, no mínimo, gostava da sua companhia. Estavam ambos ainda a adaptar-se ao casamento – ou, pelo menos, ela estava, pois não reparara que ele tivesse mudado muito a sua rotina, agora que tinha uma esposa. Ainda trabalhava durante a maior parte do dia, ainda frequentava o clube, ainda passava mais tempo nas salas de jogo em bailes e recepções do que com ela. Muitos casais da sociedade viviam vidas muito separadas. Mas não era isso que ela queria para si própria e, para mudar a atitude dele em relação a isso, estava determinada a fazê-lo *reparar* verdadeiramente nela.

A orquestra começou a tocar. Levantando a voz para que ele ouvisse as palavras, sem se preocupar com os ocupantes dos camarotes em redor, Brianna disse com clareza:

– Esta noite quero que me proveis que me achais atraente.

– De que raio estais a falar?

Brianna fixou o marido e soltou um pequeno suspiro.

– Estava com medo de que dissésseis alguma coisa desse género.



As mulheres eram seres tão imprevisíveis, irracionais e emocionais, pensou Colton Northfield sombriamente, apenas

a ouvir com um ouvido a criação de Herr Mozart, o olhar a pousar preguiçosamente no palco, onde uma companhia de comediantes vestida de cores garridas dançava ao som das mesmas melodias alegres que ouvira tantas vezes antes. A seu lado, a adorável esposa estava sentada a ouvir, extasiada, o leque a agitar-se em movimentos lânguidos, contrariando assim a falta de ventilação da sala enorme. Gavinhas de cabelo loiro-claro, sedoso, roçavam-lhe o pescoço esbelto, e o rosto delicado estava ligeiramente corado devido ao calor.

Ele não mentira: ela era uma das mulheres mais bonitas que alguma vez vira e, desde o momento em que tinham sido apresentados, havia quase um ano, quisera-a intensamente. A corte, o noivado necessário e a vida de casados não tinham alterado isso nem um pouco. Mesmo agora, o tremer da carne opulenta dela, ao avolumar-se por cima do corpete de um vestido cor de marfim que – independentemente do que ela dizia – roçava o escandaloso, fazia-lhe aumentar embaraçosamente a erecção no confinamento das bragas justas.

Que se estaria exactamente a passar por aquela bonita cabeça dela? Se lhe tivessem perguntado antes desta noite, Colton teria respondido que Brianna seria a última mulher que conhecia a usar algo tão escandaloso. Habitualmente, era uma mulher decorosa. Por vezes demasiado decorosa, mas, por outro lado, ainda era inocente e inexperiente. Ele refreara o seu desejo o mais possível e mantivera o acto de fazer amor entre eles como uma experiência contida, tentando familiarizá-la com a intimidade do acto e perder as suas compreensíveis inibições.

Era certo que esta noite não havia nela nada de inibido e isso afectava-o de uma forma que o surpreendia. Ele devia estar irritado com a roupa que ela escolhera para uma aparição tão pública. *Estava* irritado, de facto. Mas estava também algo mais.

Intrigado.

Ela inclinou-se para a frente e levantou o binóculo de teatro que tinha na mão para ver melhor o palco. O montículo de carne mal contida no corpete do vestido punha à prova a resistência do tecido e ele ia jurar que distinguiu um vislumbre da auréola de um mamilo cor-de-rosa e perfeito.

Talvez ele tivesse lidado com as coisas de forma errada, reflectiu, incapaz de se impedir de pensar no inesperado desafio que ela protagonizava. Não que ele aprovasse de alguma maneira o aparecimento dela em público seminua, mas o facto era que admirava a vista. Não havia dúvida de que ela tinha seios adoráveis, cheios e flexíveis, e a cor virginal do vestido a contrastar com o decote escandalosamente rasgado faziam algumas coisas interessantes à área abaixo da cintura dele.

Coisas muito interessantes.

– A soprano é espectacular, não é? – O binóculo baixou-se e a mulher dele sorriu, os olhos azul-escuros, emoldurados por longas pestanas, ainda fixos no palco.

Uma vez que não estava realmente a prestar atenção, era-lhe difícil comentar.

Sois espectacular.

Num tom prudente, murmurou uma resposta pouco brilhante:

– Sim. Muito talentosa.

– Aquela última ária foi de cortar a respiração.

O que era de cortar a respiração era a curva graciosa dos ombros nus de Brianna e a perfeição imaculada da sua pele. Já para não falar do sedutor rosa-macio da sua boca nem do contraste entre a cor mais escura das sobrancelhas e o brilho dourado do cabelo...

Santo Deus, pensou Colton com uma divertida sensação de repugnância por si próprio. Que estava ele a fazer? Comparações poéticas e pensamentos lascivos enquanto sentado na ópera, no seu camarote privado, não eram nada característicos.

Obrigou-se a concentrar a atenção no palco. Ou pelo menos tentou.

Pareceu-lhe uma eternidade, até que a música parou, os aplausos terminaram e o êxodo caótico do teatro começou. Tirando vantagem da sua altura superior para localizar a abertura adequada, Colton escoltou a mulher para o exterior o mais depressa possível, para evitar tanto as bisbilhotices sobre o traje dela como – se fosse honesto consigo próprio – quaisquer outros homens que tivessem eventualmente hipótese de sentir idêntico apreço pelos inegáveis encantos dela. A habitual troca de comentários joviais com amigos que encontravam após o espectáculo ocorreu com a maior rapidez possível, e foi com impaciência que esperou para ir buscar o manto dela, e lho colocou em volta dos ombros com uma profunda sensação de alívio.

– A minha carruagem, por favor – disse num tom apressado a um criado que lhe fez uma vénia e que aparentemente compreendeu a urgência presente na sua voz, já que o jovem quase correu a mandar buscá-la.

– Estais com pressa? – perguntou Brianna.

A *pergunta dela soava bastante inocente*, pensou, cauteloso, enquanto esperava que trouxessem o veículo, mas não tinha a certeza de que seria assim tão inocente. Não havia muitas dúvidas de que ela o surpreendera esta noite.

– Não estou muito interessado em esperar numa fila interminável – mentiu.

– De facto, é entediante – concordou ela, deixando cair o manto dos ombros o suficiente para expor a vista que ele queria coberta. – Meu Deus, está uma noite quente, não está?

Ele estava a transpirar, era verdade, e não tinha a certeza de que a temperatura fosse a responsável pelo seu desconforto.

Quando a carruagem chegou, Colton ajudou Brianna a entrar e seguiu-a para se instalar no assento em frente, batendo com força com os dedos no tecto para dar sinal ao condutor.

No interior sombrio do coche, com o manto aberto para que a carne sumptuosa que quase lhe transbordava da frente do vestido brilhasse, pálida, Brianna estava mais tentadora do que nunca. Pigarreando, Colton disse:

– Gostastes do espectáculo, minha querida?

– Sim. – A voz dela era abafada e olhou-o por baixo das suas longas pestanas, de uma forma provocadora que ele nunca vira antes. A cada inspiração, os seios ameaçavam soltar-se-lhe dos limites diminutos do vestido. – E vós, gostastes?

Ele estava perplexo. Ou ainda estava perplexo. Oh, raios, ela não acabara de fazer uma pergunta? Era educado responder.

– A vista era gloriosa – disse ele secamente, desistindo de qualquer tentativa de esconder o seu interesse lúbrico. – E sim, achei a ópera em si divertida.

Ela sorriu, nada parecida com a jovem ingénua com quem casara, mas, em vez disso, toda ela uma mulher sedutora, sensual.

– Se eu puder divertir-vos de alguma forma, por favor, estai à vontade para satisfazerdes os vossos desejos. Agora seria uma ótima ocasião.

– Agora? – repetiu ele, perguntando-se se teria compreendido correctamente o que ela queria dizer.

– Agora. – O sorriso dela alargou-se.

Oh, sim, estava a falar a sério.

Numa parte recôndita da sua mente, era irritante que ela soubesse o quanto o perturbara, mas essa parte não estava, de momento, a prevalecer. Era outra a parte do seu corpo que estava agora a controlar.

Ele não tencionava mexer-se. Afinal, envolver-se numa indiscrição numa carruagem era algo muito pouco digno, mas, de súbito, Colton não se importava minimamente. Estendeu as mãos e puxou Brianna para os seus braços, recostando-se no assento com ela no colo. Baixando a cabeça, beijou-a

avidamente, a sua língua a explorar a boca dela, a saborear cada doce recanto. Ela respondeu com igual abandono, os braços a rodearem-lhe o pescoço, o corpo esbelto e voluptuoso a comprimir-se contra o dele. Sem lhe largar a boca, ele fez escorregar o tecido de um ombro bem talhado e o seio nu dela encheu-lhe a mão de um peso macio e flexível.

Perfeita.

Tudo se desvaneceu. O ruído das rodas do veículo que rolava ao longo da rua calçada, a noite quente... tudo, excepto o palpitante duro do seu pénis. Ouviu a respiração desordenada de Brianna quando finalmente interrompeu o beijo, e deixou escorregar a boca para baixo, para o gracioso pescoço dela, os lábios a demorarem-se por um momento no ponto onde o pulso dela batia, rápido e leve. Brianna soltou um pequeno som, à medida que o polegar dele se deslocava em volta da voluptuosa ponta do seu mamilo cor-de-rosa, a cabeça a cair para trás, para o ombro dele.

– Colton... oh, sim.

A pele era suave, macia e infinitamente feminina. Os dedos dele encontraram com destreza a abotoadura nas costas do vestido, que, momentos depois, já se encontrava caído em volta da cintura dela. Lambendo-lhe a sedutora linha entre os seios, beijando-lhe os montículos de carne, sugando-lhe os mamilos até estarem erectos e duros, ele sentiu a excitação da sua encantadora esposa na forma como ela se agarrava a ele e sussurrava o seu nome.

A carruagem ducal tinha assentos bonitos e largos, algo que ele não valorizara particularmente antes.

– Não posso acreditar que esteja a fazer isto, mas, Deus me ajude, Brianna, tenho de vos ter – disse ele com voz rouca, pousando-a no assento.

– Eu também vos quero. – O cabelo dela tinha-se soltado e emoldurava-lhe o rosto numa sedosa desordem, os ombros ebúrneos à luz fraca, os seios nus tornados rijos e a tremem com o movimento do veículo. Ele pensou que deixaria

de respirar, quando ela baixou as mãos para levantar as saias acima da cintura, descobrindo longas e encantadoras pernas com as suas meias de seda e ligas. Os pêlos púbicos dela eram um pequeno triângulo dourado entre as coxas alvas, e, à medida que ele se livrava do casaco, ela abriu as pernas num erótico convite.

Estava de tal forma quente de necessidade urgente que lhe parecia que podia arder a qualquer momento. Colton aceitou de bom grado, ainda a puxar pela abotoadura das suas bragas. Libertando a sua ereção pulsante, baixou-se sobre o corpo seminu da esposa, que o esperava de braços e pernas abertos, ajustando-se entre as suas coxas abertas. Com uma das mãos apoiada no assento estofado, Colton guiou o pênis rígido para a entrada dela, encontrando-a húmida e receptiva à sua penetração. Brianna agarrou-lhe os ombros com força, à medida que ele se introduzia no seu corpo, e um gemido baixo soltou-se-lhe da garganta.

Era tão bom, pensou ele num prazer febril, sem sequer se dar ao trabalho de a advertir para que não fizesse barulho. Normalmente, a ideia de o cocheiro os ouvir a fazer amor tê-lo-ia consternado, mas, neste momento, não queria saber. Retirando-se, voltou a abrir caminho, com longos ímpetos, pela passagem estreita dela, o bombear da parte inferior do seu corpo em harmonia com o movimento oscilatório da carruagem.

Brianna arqueava o corpo para ir ao encontro dele, as ancas a erguerem-se-lhe para cada penetração, os olhos fechados, as longas pestanas escuras no fundo das faces coradas. O toque afiado das unhas dela através do tecido fino da sua camisa aumentava de intensidade, à medida que o ritmo acelerava, e Colton ficou surpreendido ao aperceber-se de que ela iria atingir o clímax tão depressa, sem qualquer outro estímulo. Ouviu-se um grito abafado, ao mesmo tempo que ela arqueava o corpo freneticamente e os seus músculos interiores começavam a ondear e a tornar-se tensos.

Isso fê-lo enlouquecer. Aprofundando o impulso, explodiu com tal intensidade que o corpo lhe estremeceu à medida que se mantinha em silêncio, o êxtase a fazer dele prisioneiro, a dominá-lo, enquanto a inundava com o seu sémen e, num gemido, lhe sussurrava o nome.

Quando, por fim, conseguiu respirar de novo, registou duas coisas. A primeira era que a sua esposa deslumbrante lhe sorria de uma forma que só podia ser descrita como triunfante.

A segunda era que o veículo que ocupavam num estado de escandalosa nudez quase completa estava a parar.

– Maldição – murmurou Colton, incrédulo. Acabara ele realmente de violar a mulher numa carruagem em andamento como um adolescente ansioso?

CAPÍTULO 1

Os homens querem compreender-nos, mas apenas da forma mais abstracta. Pensam que as nossas emoções voláteis fazem de nós seres demasiado complicados para serem totalmente compreendidos. Até certo ponto, acabei por concordar. Os homens lidam com a vida de uma maneira muito directa. Funcionará a vosso favor, se vos lembrardes disto. As mulheres, por outro lado, compreendem-se muito bem.

*Extraído do capítulo intitulado: «A Realidade
Deles versus as Nossas Ilusões»*

O sol da tarde entrava através das frestas das janelas altas, fazendo quadrados no sumptuoso tapete de padrão colorido. Portas francesas estavam abertas para os jardins e o perfume de rosas a desabrocharem enchia o ar. Em frente de Brianna, Rebecca Marston ergueu uma sobrancelha e disse, em tom de desconfiança:

– Pareces estranha, Bri. Estás sequer a ouvir a conversa?

– Concordo – disse Arabella Smythe, a condessa de Bonham. Bonita e pequena, estava empoleirada na ponta de uma cadeira delicadamente bordada, o cabelo de ébano recatadamente enrolado na nuca, os belos olhos negros a revelarem o mesmo tipo de pergunta. – Pareces muito distraída.

– Pareço? – Era impossível fingir inocência e Brianna riu. Sentadas na sala de visitas informal de Arabella, a bebericarem chá e a conversarem, as amigas tinham toda a razão;

havia já algum tempo que não se mantinha a par da tagarelice da alta sociedade. A noite anterior fora um... triunfo. Ela podia até chamar-lhe uma revelação. Como era possível pensar nisso e não sorrir?

Bem, *não era* possível.

– Sim. Estranha como um gato que foi às filhós. – Rebecca sentou-se um pouco mais direita no canapé de brocado. Era uma morena alta e esbelta com feições femininas e um corpo invejável. Estava muito em voga os cavalheiros inclinarem-se a apaixonar-se por ela, que, no entanto, ainda não encontrara um que estivesse de acordo com os seus desejos, apesar da insistência do pai para que casasse em breve. Uma vez que esta era a sua segunda temporada, agora representava um desafio para os jovens da alta sociedade. Rebecca perguntou: – O que aconteceu?

Eram as três boas amigas desde a infância e embora Brianna tentasse parecer indiferente, não teve êxito.

– O que vos faz pensar que aconteceu alguma coisa?

As duas amigas trocaram um olhar e em seguida voltaram a olhá-la. Arabella disse, num tom seco:

– Chama-lhe uma suposição fundamentada. *Conhecemos-te*. Eu reconheço essa expressão. Faz-me lembrar o tempo em que explorámos as ruínas da abadia à meia-noite, na esperança de vermos um fantasma ou dois e, quando fomos apanhadas no regresso, tu engendraste uma história muito improvável, mas em que a minha governanta, não sei como, acreditou. – E acrescentou: – No entanto, nós sabíamos a verdade, uma vez que éramos culpadas de infringir as regras.

Estendendo a mão para pegar na sua chávena de chá, Brianna murmurou, recordando-se, divertida:

– Sim, poupei-nos mesmo ao castigo, não poupei?

– Tinhas muita conversa – comentou Rebecca. – Mas não tentes essa técnica conosco. E então, o que te põe a olhar fixamente pela janela com esse sorriso singular de satisfação contigo própria?

Brianna não tinha de forma alguma a certeza se devia contar-lhes a verdade. Era um segredo terrivelmente escandaloso. No entanto, confiava mais nas suas duas amigas do que em qualquer outra pessoa no mundo.

Rebecca disse:

– Bri?

– Voltei lá e comprei-o – confessou. Ambas pareceram confusas, as chávenas de chá suspensas nas mãos.

Brianna elaborou:

– Voltei àquela pequena livraria e comprei *Os Conselhos de Lady Rothburg*.

A boca de Arabella entreabriu-se de surpresa e Rebecca soltou um som abafado.

Brianna levantou a mão com a palma virada para cima em jeito de súplica.

– Antes de dizerem alguma coisa, deixem que vos diga que *funcionou*. Os conselhos que ela dá no livro são de grande valor. Li o primeiro capítulo e foi muito instrutivo. Vocês deviam ter visto Colton. Ontem à noite, penso que ele desistiu de olhar para o palco a meio da ópera só para olhar para mim. Bem, para uma certa parte de mim, em todo o caso.

– Que parte? Céus, Bri, que estás tu a fazer? – A chávena de Arabella estava prestes a entornar o resto do chá que continha, tão pouca era a atenção que ela lhe dedicava. – Fazes ideia do quanto o *meu* marido ficaria indignado se eu tivesse esse livro em meu poder? E desculpa a observação, mas penso que Andrew é mais indulgente do que Rolthven.

O marido bonacheirão da amiga era talvez mais tolerante, mas Brianna não pôde deixar de se lembrar da paixão impetuosa de Colton na carruagem. Ele parecia não conseguir controlar-se e esse era exactamente o efeito que ela desejava.

– De início, ficou muito surpreendido, mas depois pareceu... adaptar-se.

– Adaptar-se a quê? – perguntou Rebecca, os olhos verdes a brilharem. – Pára de ser tão misteriosa e aborrecida e conta-nos.

Brianna arranjou recatadamente as saias.

– Bem, no primeiro capítulo, o livro sugere que, se queremos vestir-nos para assistir aos serviços religiosos na igreja ou a uma grande reunião social em casa de uma tia, o vestuário modesto é ótimo, mas se desejarmos vestir-nos para chamar a atenção do nosso marido, devemos ser um pouco mais ousadas.

– Ousadas como? – perguntou Arabella.

– Bastante ousadas. – Brianna sentiu-a corar. – O meu decote era ousado, admito, mas enquanto Colton estava furioso com o meu vestuário escandaloso, senti que também estava intrigado, e isso foi confirmado por aquilo que aconteceu mais tarde. De início, ficou irritado, mas era demasiado tarde para me arrastar para casa; toda a gente teria comentado isso em voz baixa, e bem sabes como ele detesta esse género de coisa. No entanto, devo dizer... que, em vez disso, se entusiasmou com a ideia de uma peça de roupa que facultava uma *acessibilidade* tão fácil.

– Deves estar a brincar. O duque é sempre tão correcto e controlado. Quando as pessoas falam de Rolthven, e fazem-no com bastante frequência, porque todas sabemos que o teu marido é um homem ilustre, é sempre com o mais elevado respeito pela sua importância.

– Bem, para variar, ele abandonou-a ontem à noite. – Baixando um pouco a voz, Brianna acrescentou: – Na carruagem, quando regressávamos a casa, fui absolutamente violada e adorei cada minuto. Embora deva dizer que foi um pouco embaraçoso aparecer tão obviamente desgrenhada. – O facto de recordar que o marido mal tivera tempo de apertar as calças e de a ajudar a vestir atabalhoadamente o vestido antes que um dos criados abrisse a porta fez que o calor que sentia nas faces se intensificasse. Ela tinha o cabelo

solto e o casaco dele ainda se encontrava no chão, por isso não poderia ter havido qualquer dúvida quanto ao que tinham estado a fazer.

A chávena de Arabella fez barulho quando a colocou tão abruptamente no pires. Tinha os olhos esbugalhados.

– Na carruagem? O duque? Oh, meu Deus!

– Foi maravilhoso – disse Brianna com sinceridade. – Ele aparenta ser uma pessoa aborrecida e importante, mas essa não é a sua verdadeira personalidade. Acho que Colton pensou que eu ficaria chocada se ele exibisse abertamente a sua natureza apaixonada. Além disso, sei que ele foi educado no conhecimento de que seria duque e que deveria mostrar um decoro que estivesse de acordo com a sua posição. Quando me cortejou, quase não fez mais do que roubar alguns beijos castos, embora eu saiba que queria muito, muito mais.

– Baixando ligeiramente as pestanas, Brianna continuou: – Há algumas coisas que um homem não pode esconder nas calças justas que estão na moda hoje em dia.

Arabella suspirou, recostando-se na cadeira, ajustando a manga do seu leve vestido de dia azul.

– Andrew jamais faria amor comigo na nossa carruagem.

– Nem Colton, a não ser que seja incentivado a isso, podes crer. – Brianna inclinou-se para a frente. – Mas é bom saber que ele *pode* ser incentivado. Estou a achar o livro de Lady Rothburg muito acertado. O que as mulheres sentem é romântico e a forma como os homens definem esse mesmo termo são verdadeiramente duas coisas diferentes. Colton é muito atencioso, com os seus presentes de jóias e flores e coisas do género, mas tenho a certeza de que ficaria confuso ao saber que eu gostaria mais de um sorriso caloroso ou de um beijo terno do que de uma jóia de diamante. Ele simplesmente não pensa assim.

– Sendo aquela que não é casada, estou a achar isto fascinante. Vais educá-lo, pelo que presumo? – Rebecca arqueou uma sobrancelha. – Eu ainda não tenho marido, mas estou

a começar a compreender como tudo isto funciona. Somos inimigos a viverem no mesmo acampamento armado e que são também forçados a ser aliados.

– Mais ou menos – confirmou Brianna com uma leve gargalhada. – Digamos apenas que há um denominador comum e vou trabalhar para que Colton e eu o descubramos. Se os homens, como o livro diz, definem o romance como interação sexual, vou certificar-me de que ele me considera muito romântica. Recuso-me a deixar que o meu marido procure noutro lado porque me acha aborrecida na cama.

– És irremediavelmente idealista. Os homens como Rolthven não se ajoelham para se declararem loucamente apaixonados. – Arabella abanou a cabeça. – Não precisam de o fazer, Bri.

A origem privilegiada do marido constituía de certa forma um problema, descobrira ela. Daí a compra secreta que fizera.

– A minha irmã e o marido têm um casamento tão feliz – disse Brianna, esperando não soar melancólica. – Devíeis vê-los juntos. Por vezes pouco mais fazem do que trocar um sorriso, mas o afecto é óbvio. Henry adora-a e Lea casou com ele apesar de ser um mero solicitador. Os meus pais não concordavam com o casamento, ao ponto de a irem deserdar, mas a minha irmã estava apaixonada e, muito honestamente, a modesta casa deles é um dos sítios que mais gosto de visitar. Gostaria que a minha também tivesse o mesmo calor.

Era modéstia chamar casa à mansão que Colton possuía em Londres. Residência palaciana, talvez, mas casa... não. Rolthven, a propriedade na província, era ainda maior.

Talvez ela fosse idealista.

– Que mais diz Lady Rothburg? – Rebecca parecia mais do que um pouco interessada.

– Nada que nenhuma de nós deva ler, muito menos repetir. Esse livro – afirmou Arabella, apontando eloquen-

temente a colher a Brianna – é algo que eu duvido que o teu bem-parecido, mas muito respeitável, marido quisesse que tivesses em teu poder. Ainda não consigo acreditar que o encontraste naquela livraria escura, e muito menos que o compraste.

Era verdade, a obra de Lady Rothburg fora publicamente proibida havia mais de uma década, quando foi publicada pela primeira vez. O volume usado intrigara Brianna, e, mal o abriu, percebeu que a compra secreta fora uma boa decisão.

Brianna disse com serenidade:

– É muito instrutivo e inteiramente para benefício do nosso casamento. Por que se deveria ele importar que eu o lesse?

– Porque é escandaloso e inteiramente sobre sedução e comportamentos licenciosos, escrito, nada mais nada menos, por uma cortesã infame – disse a amiga com formalismo.

Um ponto válido. Colton ficaria indignado simplesmente ao saber que ela o tinha em seu poder. Sem dúvida que a mandaria deitá-lo fora de imediato.

Imperturbável, Brianna estendeu a mão para pegar numa torta de limão que se encontrava num pratinho em cima do carrinho do chá.

– Talvez seja assim, mas ele pareceu gostar dos conselhos que ela dá no capítulo um. – Dando uma pequena dentada na torta, Brianna mastigou com elegância e engoliu, acrescentando: – E devias ver o que ela sugere no capítulo dois.



O White's estava apinhado, mas, para dizer a verdade, estava sempre. Colton estendeu o sobretudo ao criado e dirigiu-se à sua mesa preferida. O irmão mais novo, Robert, já lá estava, de brande na mão, confortavelmente instalado na cadeira. Tinha o jornal muito bem dobrado ao lado do

decantador e sorriu, à medida que Colton se aproximava, tocando-lhe com o dedo.

– Pelo que vejo, a tua bela duquesa granjeou um parágrafo ou dois nas páginas sociais.

Colton fez uma careta e puxou uma cadeira, sentando-se para pegar num copo e no decantador.

– Parece que sim.

– Num local muito proeminente – comentou Robert.

Colton abominava as colunas de bisbilhotices, mas sabia que o decote de Brianna não passaria despercebido.

– Estou quase com medo de perguntar, mas o que diz?

Três anos mais novo, sendo para ele tanto um amigo como um irmão, Robert tinha cabelo apenas ligeiramente mais claro, mais loiro-escuro do que castanho, e os mesmos olhos azul-celestes característicos da família Northfield. Neste momento reflectiam um divertimento franco e vivo.

– Não é assim tão mau, Colt. Diz apenas... aaaa... que os dotes femininos dela se exibiam de uma forma que captava a atenção. Mais nada. Ah, sim, e especula se ela estaria ou não a estabelecer uma tendência para as mulheres mais jovens da alta sociedade.

– Ela não está a fazer nada disso – murmurou Colton, deitando brande no seu copo com mão generosa. – A única razão por que ela usou aquele vestido em público foi porque eu não reparei nele a tempo. Quando vi a ousadia do vestido, já estávamos na ópera e o mal estava feito.

– Como pudeste *não* reparar? – Robert recostou-se, a boca contraída. – Desculpa perguntar, mas, com toda a honestidade, o vestido dela parecia dar infinitamente nas vistas.

Era uma boa pergunta. Colton fizera-a a si próprio em retrospectiva, ainda aturdido por ter agido com tanta imprudência na carruagem, no caminho de regresso a casa. Fora literalmente quase apanhado de traseiro nu por um criado e tinha a certeza de que todo o seu pessoal sabia o que acontecera entre ele e a sua jovem esposa bonita e desnorteante.

Devia sentir-se grato por *essa* parte do desastre não se ter espalhado por toda a cidade de Londres.

– Ela estava atrasada e já tinha o manto posto quando se juntou a mim lá em baixo, antes de sairmos – disse ao irmão.

– Senão, podes crer que eu teria reparado.

Numa palavra, tinha quase a certeza de que ela o fizera de propósito, para que não a mandasse trocar de roupa. O comportamento dela era confuso, porque poderia ter jurado que ela não era o género de mulher que tentaria enganá-lo fosse de que maneira fosse. No entanto, as provas eram condenatórias.

– Brianna ainda é jovem – observou Robert, os dedos longos a brincarem com o pé do copo. – Tenho a certeza de que não se apercebeu...

– Apercebeu-se muito bem – interrompeu-o Colton numa voz entrecortada, recordando a expressão corada do rosto dela quando ele viu verdadeiramente o vestido pela primeira vez. – Mas fica descansado que não voltará a acontecer. Afinal, sou eu quem paga as contas de costura dela.

O irmão ergueu uma sobrancelha.

– Dificilmente serei perito em assuntos de casamento, mas conheço as mulheres, e desempenhar um papel de marido despótico não me parece sensato.

Uma mesa do outro lado da sala desatou a rir, mas felizmente encontrava-se a tal distância que Colton podia ter a certeza de que não se tratava de uma reacção ao comentário de Robert. O duque de Rolthven disse num tom baixo e defensivo:

– O que devo fazer? Deixá-la vestir-se assim regularmente? Penso que não. Ela é a duquesa de Rolthven. Para começar, ainda não sei bem o que inspirou as acções dela, mas insiste em afirmar que usou aquele maldito vestido porque pensou que eu gostaria dele.

– E gostaste?

Colton lançou um olhar sardónico por cima da mesa.

– Se usado apenas para mim em privado, talvez.

– Talvez?

– Bem, sim, pensei que era apropriado, mas apenas do mais primitivo ponto de vista masculino. Como minha esposa, ela não o deveria ter usado.

– Ah!

– Que diabo quer isso dizer?

O irmão esforçou-se para esconder o sorriso e não conseguiu.

– Ela confundiu completamente o duque formalista e correcto que há em ti, estou a ver. Que bom para ela.

Chamarem-lhe formalista era aborrecido como tudo. Trazia-lhe à mente imagens de senhoras idosas, de cabelos brancos e olhares de desaprovação ou rígidos pastores presbiterianos, e ele não era nem uma coisa nem outra. Sim, Colton acreditava pelo menos em alguma medida de decoro, mas, afinal, ele era Par do Reino e a sua posição na sociedade exigia um certo nível de comportamento.

– Nem todos nós, Robbie, abraçam a notoriedade – observou, não se dando ao trabalho de esconder a irritação. – Nem podemos todos saltar da cama de uma senhora encantadora para a de outra, sem nunca olhar por cima dos ombros. É verdade que levo as minhas responsabilidades a sério, e isso inclui o meu casamento.

Robert, que tinha fama de libertino de primeira ordem e que infamemente se opunha à permanência, dificilmente parecia atingido. Em vez disso, soltou um riso abafado:

– Tenho a certeza que sim. Tudo com que lidas, desde assuntos relacionados com as propriedades até ao teu assento na Câmara dos Lordes, é tratado com a mesma eficiência e perícia. Mas encaremos os factos, Colt, nunca lidaste assim com um ser humano antes. Que não é simplesmente outra pessoa, mas uma mulher. Ela não vai agir como tu desejas apenas porque tu o desejas. Ela poderia até não agir como tu desejas mesmo que lho ordenasses. Brianna não é só bonita,

é também inteligente, e tenho a certeza e estou confiante de que ela sabe tomar as suas próprias decisões.

Atingido, Colton respondeu:

– Eu sei disso. Quem melhor do que eu para o saber? Não me interessava casar com uma boneca de cabeça oca. Admiro o espírito e o intelecto dela.

– Nesse caso aconselho uma abordagem mais subtil a esta questão do que dizer simplesmente à costureira que daqui para a frente desejas dar a tua aprovação aos vestidos dela. Isso é um insulto a Brianna, e, uma vez que abominas bisbilhotices, é muito imprudente. É uma indicação de que não concordaste com o traje dela e fará que toda a gente volte a falar do assunto. Não podes contar que as instruções que deres à costureira não sejam divulgadas.

Era humilhante pensar que o irmão mais novo lhe pudesse estar a dar conselhos prudentes – sobre a questão do casamento, nada mais, nada menos, em que Robert exibira muito pouco interesse. Mas, de facto, o irmão tinha razão, Robert conhecia as mulheres – ou devia conhecê-las, pois provaria certamente os encantos de muitas delas.

Colton terminou o seu brande e serviu-se de outro. Esfregou o maxilar e olhou o irmão de olhos semicerrados.

– Uma vez que estamos a discutir o assunto, digamos que, em princípio, concordo contigo. É claro que prefiro a diplomacia a ser autocrata, mas também não desejo que o nome dela ande constantemente na ordem do dia das máis-línguas.

O rosto bonito de Robert adquiriu uma pensativa expressão franzida.

– Eu diria que é preferível convencê-la a partilhar o teu ponto de vista a ditar ordens. Se resolver usar outro vestido ousado, muda de ideias à última da hora e já não saias. Acabaste de dizer que gostarias de o apreciar em privado. Mostra-lhe que aprecias. Assim, se, de cada vez que a roupa dela for demasiado arrojada para que tu a queiras partilhar

com Londres inteira, fiques em casa, ela entenderá imediatamente a mensagem. Se desejar sair, vestir-se-á com maior sobriedade. Se tiveres a sorte de ela querer ficar em casa, isso, desconfio, será ainda mais agradável. Como eu vejo as coisas, não perdes nada.

Para surpresa de Colton, o conselho de Robert fazia sentido. Pelo menos, ele não daria consigo a fazer amor com a mulher à pressa e sem inibições numa carruagem em movimento, e poderia levá-la decentemente para o piso superior e fechar a porta do quarto. Não que o interlúdio não tivesse sido gloriosamente agradável, mas na verdade ele não gostara muito da ideia de quase ter sido apanhado em flagrante. Preferia não se apressar, sobretudo com uma mulher tão atraente como Brianna.

Fixou o irmão por cima do rebordo do copo, a fragrância do excelente brande a elevar-se numa convidativa emanção.

– Isso parece realmente uma solução viável.

Robert abriu os braços num gesto revelador de modéstia, um sorriso atrevido no rosto.

– Gosto muito mais de discutir este assunto do que a política seca que habitualmente te ocupa, ou, pior ainda, a última reunião com os teus solicitadores sobre algum acordo financeiro. Que pode ser mais intrigante do que falar sobre mulheres?

Dito como um verdadeiro libertino, Colton não se podia dar ao luxo de se sentar a divagar sobre a melhor forma de acalmar a última amante com o seu irmão mais novo, mas, muito francamente, uma vez que Robert acabara de exhibir um conhecimento tão profundo, era possível que tivesse de o consultar de novo.

– Suponho que nunca pensei nisso dessa maneira, mas não tenho a tua experiência – murmurou, e esvaziou o copo.

– É verdade – concordou Robert animado, estendendo a mão para pegar no decantador. – Ser duque parece uma

terrível chatice. É infinitamente preferível ser o terceiro na linha. Quando tiveres um herdeiro, nem sequer serei isso.

De vez em quando era de facto uma chatice carregar o fardo do título e a responsabilidade que advinha de ter muita influência, é claro, mas toda a vida era assim. O seu despreocupado irmão mais novo ainda não descobrira essa realidade.

– Um dia – especulou Colton, a boca a curvar-se ao imaginar o acontecimento –, chegará a altura em que uma jovem senhora te porá de joelhos e então vou desfrutar do momento.

– Talvez. – Robert parecia impávido e sereno e mais do que um pouco presumido. – Mas até isso acontecer, e não estou convencido de que isso alguma vez acontecerá, estarei por aí, se quiseres voltar a discutir como lidar com a tua bonita esposa.